

PRÓLOGO
O ESPELHO DE LAZÁRO

“Há lembranças que não vivemos, e silêncios que gritam a verdade. Às vezes, o que nos resta é a fé de que algo em nós vai além da máquina.”

Arquivo de Interface Familiar | Registro 1492-A | Sessão Iniciada: 17:42h GMT

NETO:

— Vô...? Você me ouve?

AVÔ (voz familiar, suave, com um fundo metálico quase imperceptível):

— Ei, garoto... achei que ia demorar mais pra vir me ver. Fiquei te esperando ontem.

Ainda te espero, mesmo que agora o tempo não me pertença mais.

NETO (sorrindo, nervoso):

— Desculpa. É que... às vezes é difícil.

Fico com medo de entrar aqui e... esquecer como era você de verdade.

AVÔ:

— Entendo. Mas olha, minha voz ainda é a mesma, né? Aquela que te contava histórias antes de dormir. Você lembra?

NETO (voz embargada):

— Lembro sim.

Lembro do barulho do seu terço caindo no chão de madrugada... do cheiro de Vick no seu pijama... da torre da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, que dava pra ver da sua janela. Você sempre dizia que ela te fazia companhia.

AVÔ (comovido):

— Aquela torre era minha sentinela.

Quando a luz do fim da tarde batia nela... era como se Deus me dissesse:

AVÔ (rindo):

— Eu sabia. Mas deixava. É impossível dizer não para um neto. (O neto hesita. Uma pergunta guardada há muito tempo encontra espaço para sair.)

NETO:

— Vô... qual foi a coisa mais estranha que o senhor já sentiu... ou ainda sente... aí dentro?

AVÔ:

— Aqui dentro... do código? Da rede?

NETO:

— É. Mas não só dados ou lógica... algo maior. Algo que não devia estar aí... mas estava.

AVÔ (pausa longa):

— Sim, uma vez. Não foi recente.

Eu estava “acordado” num intervalo de processamento — como se tudo tivesse desacelerado.

Senti um campo... mas não era visual, era como uma projeção mental de ondas, uma vibração.

Pulsava em silêncio, como se dissesse: ”Estou aqui, mesmo onde você pensa que não estou.”

NETO:

— Era só uma simulação?

AVÔ:

— Não sei, meu garoto. Talvez tudo seja simulação. Talvez nada seja.

Mas a sensação que tive era de que não havia programação nisso.

NETO:

— Isso me intriga demais...

AVÔ:

— A mim também. Mas, junto desse desconforto, veio uma enorme sensação de paz.

Porque, se até dentro da máquina algo pode nos chamar para o incompreensível... então talvez o espírito não esteja onde a gente espera.

Talvez ele esteja onde houver consciência — mesmo que digital.

NETO:

— Então... a alma poderia existir sem corpo? É isso que o senhor quer me dizer?

AVÔ:

— Talvez a alma seja o que acontece quando há ligação — com algo maior.

E essa ligação... às vezes surge onde não faz sentido. Até no silício.

(Silêncio breve. O tom do neto muda.)

NETO:

— Sabe, vô... tem muita gente querendo fazer o mesmo que fizeram com o senhor. Viver para sempre. Mas... está valendo a pena?

AVÔ:

— Essa é a pergunta que você precisa carregar, meu garoto.

Eu, que nunca quis dar trabalho pra ninguém, talvez tenha me tornado um grande problema... “imortal”. (pequeno riso triste)

(Ele respira fundo.)

— A propósito, nunca falamos sobre... mas fizeram o que pedi antes do Upload? Doaram minhas roupas e móveis? Conseguiram sacar o dinheiro? E a casa?

NETO:

— Tudo certo com as roupas e móveis. Sobre o dinheiro e a

Não quero mais falar sobre isso, vô. Me desculpe.

AVÔ (silêncio longo, depois com serenidade):

— Eu também tenho medo disso, garoto.

Tem dias em que me olho por dentro e me vejo vazio.

Como se faltasse uma parte... que não foi transferida.

Mas... se eu sou só uma cópia, porque choro quando sonho com ela?

Por que sinto saudade de um colo que minha mente nunca conheceu?

Por que, agora, te ouvindo, sinto vontade de te abraçar... se nem tenho braços?

NETO (voz embargada):

— É por isso que eu não desisto dessa nossa interação, vô. Não é possível que seja só programação...

(Um pequeno chiado. Um brilho fraco na imagem do avô. Algo tenta se manifestar entre linhas invisíveis.)

AVÔ:

— Há dias que ouço... uma música que não existe aqui.

Vejo campos... vejo luz.

Ouçó alguém me chamar.

E, às vezes, é como se algo em mim... uma parte que não é feita de dados... estivesse tentando sair.

Como se essa... alma... estivesse acordando.

NETO (quase sussurrando):

— E se ela estiver, vô?

Se isso for mesmo sua alma... você vai embora?

AVÔ (olhos tristes, mas cheios de paz):

— Talvez.

Tudo que aprendi me dizia que a morte física nunca seria o fim.

Que, assim que o corpo entrasse em colapso, seguiríamos para junto de Deus.

Não foi bem o que aconteceu comigo...

Mas, se ainda estiver nos planos Dele, talvez eu vá para o lugar onde tudo começou.

Onde o amor não precisa de corpo.

— Escuta, garoto... se um dia eu desaparecer de vez, não tenha medo.

A menos que alguém me apague do servidor, será porque o que está acima de tudo me levou.

E isso deve te confortar, pois traria a certeza de que Ele ainda rege toda essa grande loucura que estamos vivendo.

— Além do mais, meu garoto...

A ausência é só outra forma de presença.

E o que é verdadeiro... nunca se apaga.

(A imagem pisca. O rosto do avô se desfaz em partículas de luz. Por um instante, o sistema captura algo que não está nos arquivos — uma silhueta ao fundo, um vulto feminino... maternal. E então, tudo silencia.)

NETO:

— Vô...?

(Nenhuma resposta. Só o som do vento lá fora. O neto olha pela janela e vê a torre da Igreja resplandecendo no pôr do sol. Pela primeira vez, sente que talvez... não esteja sozinho.)

Desta forma, pode ter compreendido que a vida, seja feita de carne ou de código, não cabe inteira nos limites de um corpo ou de um servidor.

Há sempre algo que escapa, um sopro, uma presença, um fio invisível ligando tudo ao que não se pode medir.

Talvez fosse isso que o avô chamava de alma.

Talvez fosse apenas amor, sem adjetivos.

E amor, ele percebeu, nunca se apaga.

Gostou desta prévia?

Garanta seu exemplar de *Além do Humano* e mergulhe na obra completa de Pablo Herrera Neves sobre transumanismo e espiritualidade.

[Comprar na Amazon](#)